

# TRADUÇÕES





# Nós, judeus poloneses

Julian Tuwim

Tradução e apresentação de Marta Francisca Topel<sup>1</sup>

Universidade de São Paulo

## Apresentação

O manifesto, talvez o lamento, *Nós judeus poloneses*, de Julian Tuwim, constitui um documento singular que, de modo muitíssimo pessoal, deixa testemunho da catástrofe: a destruição dos judeus poloneses durante a Segunda Guerra Mundial. O manifesto foi escrito no exílio em abril de 1944, primeiro aniversário do Levante do Gueto de Varsóvia.

Tanto o autor como suas obras são pouco conhecidas no Brasil, apesar de Julian Tuwim ser considerado um dos poetas mais importantes do século XX em língua polonesa. Nascido numa família de judeus poloneses de Łódź, em 1894, depois dos estudos Tuwim se mudou a Varsóvia onde participou de vários movimentos literários vanguardistas. Entre eles se destacam o cabaret literário *Pikador* e o grupo de poetas *Skamander*, dos quais Tuwim foi cofundador.

Julian Tuwim passou a guerra no exílio, entre França, Portugal, Brasil<sup>2</sup> e os Estados Unidos. Em 1946, contrariando a rota da maioria dos judeus poloneses que escolheram outros países em lugar de regressar à Polônia, Tuwim volta a que continuou considerando sua “pátria” e se instala em Varsóvia, cidade na qual viverá até sua morte em 1953.

Entre suas obras mais importantes, encontramos *Bal w operze* (O baile na ópera), no qual o autor se vale da sua experiência anterior com a sátira introduzindo elementos do grotesco e do expressionismo, *Do generalów* (Aos Generais) e *Do prostego człowieka* (Ao homem comum), dois longos poemas que despertaram a indignação da direita nacionalista polonesa. Tuwim também escreveu alguns célebres poemas para crianças que ainda hoje são divulgados por diferentes meios.

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Letras Orientais e do Programa LETRA. Vice-diretora do Centro de Estudos Judaicos/USP. E-mail: mftopel@usp.br. <http://orcid.org/0000-0003-4895-5861>.

<sup>2</sup> Um pouquinho mais sobre Tuwim no Brasil pode ser lido no texto de Piotr Kilanowski “No caminho pelo Rio da vida” nesta edição.

## Nós, judeus poloneses

Para minha mãe na Polônia ou para sua amada Sombra

### 1

E imediatamente eu posso ouvir a pergunta: “O que você quer dizer - NÓS?” Considero a tal pergunta até certo ponto compreensível. Ela é geralmente feita a mim pelos judeus a quem sempre dizia que sou um polonês e agora será feita pelos poloneses para cuja esmagadora maioria sou e continuarei sendo um judeu. Aqui está a minha resposta para ambos.

Sou polonês porque é o que eu quero ser. É um assunto restritamente particular meu, do qual não pretendo prestar relatórios, nem o explicar e nem o justificar a ninguém. Não separo poloneses em termos de “sangue puro” e “sangue sujo”. Deixo tais classificações de pureza para os defensores do racismo, para os nazistas nacionais e estrangeiros.

Eu divido os poloneses assim como eu divido os judeus e todas as outras nações entre os inteligentes e os tolos, os honestos e os desonestos, os interessantes e os chatos, os explorados e os exploradores, bem-educados e mal-educados.

Eu também divido os poloneses em fascistas e antifascistas. Nenhum desses grupos é, obviamente, homogêneo; cada um brilha com uma variedade de tonalidades e gamas. Mas uma linha divisória certamente existe e logo se tornará bastante aparente. As tonalidades permanecerão sendo tonalidades, mas a cor da própria linha divisória irá ficar mais nítida e aprofundar até um grau acentuado.

Posso dizer que, no campo da política, eu divido os poloneses em antissemitas e antifascistas. Pois o fascismo significa sempre antissemitismo. O antissemitismo é a língua internacional do fascismo.

### 2

Se, no entanto, eu fosse explicar minha nacionalidade, ou melhor, meu senso de pertencimento nacional, então sou um polonês pelas razões mais simples, quase primitivas. Na maior parte racionais, em parte irracionais, mas desprovidas de qualquer “mística”. Ser um polonês não é nem uma honra, nem uma glória, nem um privilégio. É como respirar. E eu ainda não conheci um homem que tenha orgulho de respirar.

Eu sou polonês, porque foi na Polônia que nasci e cresci, que fui criado e aprendi; porque foi na Polônia que eu era feliz e infeliz; porque do exílio é para a Polônia

que eu quero voltar de qualquer maneira, mesmo que me prometessem as alegrias do paraíso em outro lugar.

Um polonês, porque, devido a uma carinhosa superstição que não posso justificar por nenhuma lógica ou razão, desejo que depois da morte seja absorvido e dissolvido em terra polonesa e em nenhuma outra.

Um polonês, porque me disseram isso em polonês em meu lar paterno, porque desde a infância fui alimentado com a língua polonesa; porque minha mãe me ensinou canções polonesas e poemas poloneses; porque quando a poesia me tomou pela primeira vez, foi em palavras polonesas que ela explodiu; porque o que em minha vida se tornou primordial - a criação poética - seria impensável em qualquer outra língua, não importa quão fluente eu me tornasse nela.

Um polonês, porque foi em polonês que confessei os tremores do meu primeiro amor, e em polonês que eu balbuciava sobre sua felicidade e tempestades.

Um polonês, também porque a bétula e o salgueiro estão mais próximos do meu coração do que as palmeiras e as árvores cítricas, e Mickiewicz e Chopin, mais caros que Shakespeare e Beethoven. Mais amados por razões que, mais uma vez, não conseguiria explicar.

Um polonês, porque eu tomei dos poloneses algumas de suas falhas nacionais. Um polonês - porque meu ódio aos fascistas poloneses é maior do que o meu ódio aos fascistas de outras nacionalidades. E considero esse ponto particular como uma forte marca da minha nacionalidade.

Mas, acima de tudo, um polonês - porque assim o desejo.

### 3

“Tudo bem”, alguém dirá, “se você é um polonês. Mas nesse caso, por que ‘nós JUDEUS’?” Ao que eu respondo: POR CAUSA DO SANGUE. – “Então racismo de novo?” Não, racismo nenhum, muito pelo contrário.

Existem dois tipos de sangue: aquele dentro das veias e o que jorra delas. O primeiro é a seiva do corpo e, como tal, é um assunto dos fisiologistas. Aquele que atribui a esse sangue quaisquer outras características misteriosas e poderes secretos, fora os orgânicos, em consequência e como temos visto, transformará cidades em ruínas fumegantes, matará milhões de pessoas e, finalmente, como veremos ainda, trará carnificina sobre sua própria tribo.

O outro tipo de sangue é o mesmo sangue, mas derramado por esse líder de gangue do fascismo internacional para comprovar o triunfo de seu sangue sobre o meu, o sangue de

milhões de inocentes assassinados, um sangue não escondido nas artérias, mas revelado ao mundo. Nunca desde o alvorecer da humanidade houve tal inundação de sangue de mártir e o sangue de judeus (não “sangue judeu”, veja bem!) flui nas correntes mais largas e profundas. Seus fluxos escurecidos já estão fluindo juntos em um rio tempestuoso, espumante e bravo. E É NESTE NOVO JORDÃO QUE EU RECEBO O BATISMO DOS BATISMOS: A IRMANDADE SANGRENTA E MÁRTIR, A IRMANDADE COM OS JUDEUS.

Recebam-me, meus irmãos, naquela comunidade gloriosa de Sangue Inocentemente Derramado. Àquela comunidade, àquela igreja quero pertencer a partir de agora.

Que essa alta honraria – o posto de judeu Doloris Causa – seja concedida a um poeta polonês pela nação que o gerou. Não por meu mérito, pois não posso reivindicar nenhum a seus olhos. Vou considerá-lo uma promoção e o maior prêmio por aqueles poucos poemas poloneses que talvez sobrevivam a mim e fiquem conectados com a memória do meu nome – o nome de um judeu polonês.

#### 4

Sobre as braçadeiras que vocês usaram no gueto, a estrela de Davi foi pintada. Acredito em uma futura Polônia em que essa estrela de suas braçadeiras se torne a mais alta condecoração concedida aos mais corajosos entre oficiais e soldados poloneses. Eles vão usá-la orgulhosamente no peito ao lado da velha Virtuti Militari. Haverá também uma Cruz do Gueto – um nome profundamente simbólico. Haverá a Ordem do Retalho Amarelo – denotando mais mérito do que muitos dos ouropéis presentes. E haverá em Varsóvia e em todas as outras cidades polonesas algum fragmento do gueto deixado em pé e preservado em sua forma atual: em todo seu horror de ruína e destruição. Vamos cercar esse monumento à ignomínia de nossos inimigos e à glória de nossos heróis torturados com correntes forjadas de armas de Hitler capturadas e fundidas, e todos os dias vamos entrançar flores frescas e vivas em seus elos de ferro, para que a memória do povo massacrado permaneça sempre viva e fresca nas mentes das gerações futuras, e também como um sinal de nossa tristeza sempre viva por elas.

Assim, um novo monumento será adicionado ao santuário nacional.

Lá, conduziremos nossos filhos e contaremos sobre o mais monstruoso martírio de pessoas conhecidas na história da humanidade. E no centro deste monumento, cuja tragédia será reforçada pela magnificência reconstruída da cidade circundante, queimará um fogo eterno. Os transeuntes descobrirão suas cabeças diante dela.

E aqueles que são cristãos se persignarão.

Assim, será com orgulho, orgulho pesaroso, que nos carregaremos esse posto glorioso que ofuscará todos os outros – o posto do judeu polonês, nós que, por milagre ou por acaso, permanecemos vivos. Com orgulho?

É melhor dizermos: com contrição e com vergonha ardente. Pois foi concedido a nós por causa de seu tormento, sua glória. Redentores!

...E talvez eu não devesse dizer “nós, judeus poloneses”, mas “nós, Fantasmas, nós, Sombras de nossos irmãos abatidos, os judeus poloneses”.

## 5

Nós judeus poloneses... Nós, eternos, ou seja, os que pereceram nos guetos e campos, e nós, fantasmas que, através dos mares e oceanos, um dia retornaremos à terra natal e assombraremos as ruínas em nossos corpos não-queimados e nossas almas espectrais presumivelmente poupadas.

Nós, a verdade das sepulturas e nós, a ilusão de viver; nós, milhões de cadáveres e nós, alguns poucos, talvez um total de milhares dos que parecem não-cadáveres; nós, aquela tumba fraternal sem limites; nós, um cemitério judaico como nunca foi visto antes e nunca mais será visto.

Nós, sufocados em câmaras de gás e transformados em sabão – um sabão que não vai limpar as manchas do nosso sangue, nem o estigma do pecado que o mundo nos perpetrou.

Nós, cujos cérebros respingavam nas paredes de nossas miseráveis habitações e nos paredões nos quais fomos fuzilados em massa apenas por que éramos judeus.

Nós, o Gólgota, sobre o qual uma floresta interminável de cruzes poderia ser levantada. Nós, que dois mil anos atrás demos à humanidade um Filho do Homem massacrado pelo Império Romano, e essa morte inocente foi suficiente para torná-lo Deus. Que religião surgirá de milhões de mortes, torturas, degradações e braços esticados na última agonia do desespero?

Nós Abies, nós Kikes, nós Sheenies<sup>3</sup> cujos nomes e apelidos irão um dia exceder em dignidade aqueles de Aquiles, Boleslaus, o Corajoso, e Ricardo, Coração de Leão.

Nós, mais uma vez, nas catacumbas, nos “bunkers” sob as calçadas de Varsóvia, nos arrastando no fedor dos esgotos para a surpresa de nossos companheiros – os ratos.

---

<sup>3</sup> O original aqui consiste em uma série de nomes e apelidos para judeus que eram comuns em polonês.

Nós, com rifles nas barricadas, em meio às ruínas de nossas casas bombardeadas do céu; nós – soldados de honra e liberdade.

“Kike, vá e lute!”<sup>4</sup> Ele foi, senhores, e sacrificou a vida pela Polônia.

Nós, que fizemos “de cada porta uma fortaleza”<sup>5</sup>, enquanto casa após casa ruía por cima de nós.

Nós, judeus poloneses, ficando selvagens em florestas, alimentando nossos filhos aterrorizados com raízes e grama; nós rastejando, agachando, sujos e despenteados, armados com uma espingarda antiga obtida por algum feito milagroso depois de implorar e subornar.

“Conhece a piada sobre o guarda-caça judeu? É hilária! O judeu maldito atirou, e poxa, sujou as calças de susto! Ha! Ha!”

Nós, Jôs, nós Níobes, lamentamos a perda de centenas de milhares de nossas Urszulkas judaicas.<sup>6</sup>

Nós, profundas covas cheias de ossos quebrados e esmagados e corpos torcidos e cobertos de listras.

Nós – o grito de dor! Um grito tão estridente que as eras mais distantes o ouvirão. Nós – o Lamento, o Uivo, nós – o Coro cantando um sepulcral *El Male Rachamim* cujo eco será passado de um século para o outro.

Nós – a mais gloriosa pilha de adubo sangrento da história com a qual fertilizamos o solo polonês, para que o pão da liberdade seja mais doce para aqueles que sobreviverão a nós.

Nós, os remanescentes macabros, nós – os últimos dos moicanos, os tristes sobreviventes do massacre que alguns novos Barnum bem podem exhibir em todo o mundo, proclamando sobre os cartazes multicoloridos: “Super Show! A maior sensação do mundo! Judeus poloneses genuínos. E vivos!” Nós, a Câmara dos Horrores, Schreckenskammer, Chambre des Tortures! “Pessoas nervosas melhor deixar o recinto!”

Nós, que sentamos e choramos nas margens de rios distantes, como uma vez nos sentamos nas margens dos rios da Babilônia. Em todo o mundo, Rachel chora seus filhos e eles não existem mais. Nas margens do Hudson, do Tamisa, do Eufrates e do Nilo, do Ganges e da Jordânia vagamos, dispersos e desamparados, gritando: “Vístula! Vístula!”

<sup>4</sup> No original: “Jojne, idz na wojne!” - “Jonas, vá para a guerra!” – uma rima polonesa bem conhecida que ridiculariza os judeus por sua falta de aptidão militar.

<sup>5</sup> Fragmento de letra de uma canção patriótica polonesa “Rota” de autoria de Maria Konopnicka.

<sup>6</sup> Urszulka – a filha do famoso poeta polonês Jan Kochanowski (1530-1584) que morreu em sua juventude. A coleção de elegias de seu pai após sua morte *Treny* (1580 - “Lamentos”) é muito famosa nas tradições literárias e culturais da Polônia. Na tradução original em inglês, “Urszulkas judaicas” foi traduzido como “pequeninos”.



Vístula! Mãe nossa! O Vístula Cinza ficou rosado não com a cor rosada do amanhecer, mas com a cor do sangue!”

Nós, que nem sequer encontraremos as sepulturas de nossas mães e crianças, tão profundas são as camadas, tão amplamente espalhadas por toda a pátria em um enorme cemitério. Não haverá um lugar certo sobre o qual colocar nossas flores; mas, como um semeador semeia grãos, devemos lançá-las num gesto amplo. E um, talvez, encontre o local.

Nós, judeus poloneses... Nós, a lenda, pingando lágrimas e sangue. Uma lenda, que talvez possa ser contada apenas em versos bíblicos: “gravadas por estilete de ferro em chumbo, esculpidas para sempre numa rocha”<sup>7</sup> (Jó 19. 24). Nós – o estágio apocalíptico da história. Nós – Lamentações de Jeremias

... “Jazem pelo chão nas ruas o menino e o velho. Virgens e jovens pereceram pelo gládio. Matastes, no dia de vossa cólera, imolastes sem piedade.”...

(...) Quiseram precipitar-me no fosso rolando uma pedra sobre mim. Acima de mim subiam as águas: “Estou perdido!” – exclamei. Invoquei, Senhor, o vosso nome do profundo fosso. (...). Vistes, Senhor, o mal que me fizeram: fazei-me justiça. Vós vedes seus projetos vingativos e suas tramas contra mim. (...)

Dai-lhes, Senhor, a paga, o que merece o seu proceder. Cegai-lhes o coração; feri-os com a vossa maldição; persegui-os com vossa cólera, e exterminai-os do nosso universo, Senhor” (Jeremias, 25. 14; Lamentações, 3. 55-66).

\* \* \*

Um enorme e ainda crescente esqueleto-fantasma paira sobre a Europa. Nas suas órbitas vazias brilha o fogo da ira perigosa, e seus dedos estão apertados em um punho ossudo. É Ele – nosso Líder, nosso Ditador, que nos ditará nossos direitos e demandas.

---

<sup>7</sup> As traduções de textos bíblicos conforme a tradução da versão da *Bíblia Católica Online*, conhecida como *Bíblia Ave Maria*.

## My Żydzi polscy

Matce w Polsce lub najukochańszemu Jej cieniowi.

### I

...I od razu słyszę pytanie: “Skąd to MY?” Pytanie w pewnym stopniu uzasadnione. Zadają mi je Żydzi, którym zawsze tłumaczyłem, że jestem Polakiem, a teraz zadadzą mi je Polacy, dla których w znakomitej większości jestem i będę Żydem. Oto odpowiedź dla jednych i drugich.

Jestem Polakiem, bo mi się tak podoba. To moja ściśle prywatna sprawa, z której nikomu nie mam zamiaru zdawać relacji, ani wyjaśniać jej, tłumaczyć, uzasadniać. Nie dzielę Polaków na “rodowitych” i “nierodowitych”, pozostawiając to rodowitym i nierodowitym rasistom, rodzimym i nierodzimym hitlerowcom.

Dzielę Polaków jak Żydów i jak inne narody, na mądrych i głupich, uczciwych i złodziei, inteligentnych i tępych, interesujących i nudnych, krzywdzonych i krzywdzących, gentlemenów i nie-gentlemenów itd.

Dzielę też Polaków na faszystów i kontrfaszystów. Te dwa obozy nie są, oczywiście, Jednolite, każdy z nich mieni się odcieniami barw o różnym zęszczeniu. Ale linia podziału na pewno istnieje, a wkrótce da się całkiem wyraźnie przeprowadzić. Odcienie zostaną odcieniami, lecz barwa samej linii zjaskrawieje i pogłębi się w zdecydowany sposób.

Mógłbym powiedzieć, że w płaszczyźnie politycznej dzielę Polaków na antysemitów i antyfaszystów. Bo faszyzm to zawsze antysemityzm. Antysemityzm jest międzynarodowym językiem faszystów.

### II

Gdyby jednak przyszło do uzasadnienia swej narodowości, a raczej narodowego poczucia, to jestem Polakiem dla najprostszych, niemal prymitywnych powodów przeważnie racjonalnych, częściowo irracjonalnych, ale bez “mistycznej” przyprawy. Być Polakiem – to ani zaszczyt, ani chluba, ani przywilej. To samo jest z oddychaniem. Nie spotkałem jeszcze człowieka, który jest dumny z tego, że oddycha.

Polak – bo się w Polsce urodziłem, wzrosłem, wychowałem, nauczyłem, bo w Polsce byłem szczęśliwy i nieszczęśliwy, bo z wygnania chcę koniecznie wrócić do Polski, choćby mi gdzie indziej rajskie rozkosze zapewniono.

Polak – bo dla czulego przesądu, którego żadną racją ani logiką nie potrafię wytłumaczyć, pragnę, aby mnie po śmierci wchłonęła i wessała ziemia polska, nie żadna inna.

Polak – bo mi tak w domu rodzicielskim po polsku powiedziano; bo mnie tam polską mową od niemowlęctwa karmiono; bo mnie matka nauczyła polskich wierszy i piosenek; bo gdy przyszedł pierwszy wstrząs poezji, to wyładował się polskimi słowami; bo to, co w życiu stało się najważniejsze – twórczość poetycka – jest nie do pomyślenia w żadnym innym języku, choćbym nim jak najbieglej mówił.

Polak – bo po polsku spowiadałem się z niepokojów pierwszej miłości i po polsku bełkotałem o Jej szczęściu i burzach.

Polak dlatego także, że brzoza i wierzba są mi bliższe niż palma i cytrus, a Mickiewicz i Chopin drożsi, niż Szekspir i Beethoven. Drożsi dla powodów, których znowu żadną racją nie potrafię uzasadnić.

Polak – bo przejąłem od Polaków pewną ilość ich wad narodowych. Polak – bo moja nienawiść dla faszystów polskich Jest większa, niż faszystów innych narodowości. I uważam to za bardzo poważną cechę mojej polskości.

Ale przede wszystkim – Polak dlatego, że mi się tak podoba.

### III

Na to słyszę głosy: “Dobrze. Ale Jeżeli Polak, to w takim razie dlaczego “My, ŻYDZI”? Służę odpowiedzią: Z POWODU KRWI. – “Więc rasizm?!” -Nie. Wcale nie rasizm. Wprost przeciwnie.

Dwojaka jest krew: ta w żyłach i ta z żył. Pierwsza jest sokiem cielesnym, więc badanie Jej należy do fizjologów. Kto tej krwi przypisuje jakieś inne, poza organicznymi, specjalne właściwości i tajemnicze moce, ten, jak to widzimy, w konsekwencji obraca miasta w zgliszcza, wyrzyna miliony ludzi i wreszcie, jak to zobaczymy, sprowadza rzeź na własny swój szczep.

Druga krew – to ta właśnie, którą ów herszt międzynarodowego faszyzmu wytacza z ludzkości, aby zadokumentować tryumf własnej juchy nad moją juchą – krew niewinnie pomordowanych milionów ludzi, krew nie ukryta w arteriach, lecz krew ujawniona. Takiej powodzi męczeńskiej krwi nie było jeszcze Jak świat światem, a krew Żydów (nie “krew żydowska”) najszerszymi, i najgłębszymi płynie strumieniami. Zczerniały jej potoki zlewają się już w burzliwą, pienistą rzekę – I W TYM OTO NOWYM JORDANIE PRZYJMUJĘ CHRZEST NAD CHRZESTY:

## KRWAWE, GORĄCE, MĘCZENNICZE BRATERSTWO Z ŻYDAMI.

Przyjmijcie mnie. Bracia, do tej zaszczytnej wspólnoty Niewinnie Przelanej Krwi. Do tej gminy, do tego kościoła chcę od dziś należeć.

Ta RANGA – ranga Żyda Doloris Causa – niechaj będzie udzielona polskiemu poecie przez naród, który go wydał. Nie za żadne zasługi, bo Ich przed wami nie mam. Będę to uważał za awans i najwyższą nagrodę za tych parę wierszy polskich, które może mnie przeżyją i pamięć o których związana będzie z moim imieniem – imieniem Żyda polskiego.

## IV

Na opaskach, Jakie nosiliście w ghetcie, wymalowana była gwiazda Dawida. Wierzę w taką przyszłą Polskę, w której ta gwiazda, ta z opasek, stanie się jednym z najwyższych odznaczeń, udzielanych najwaleczniejszym żołnierzom i oficerom polskim. Będą ją oni z dumą nosili na piersi obok dawnego Virtuti Militari. Będzie i Krzyż Ghetta – nazwa głęboko symboliczna. Będzie Order Żółtej Łaty –zaszczytniejszy niż niejedno dotychczasowe świcidło. I będzie w Warszawie, i w każdym innym mieście polskim, pozostawiony, utrwalony i konserwowany jakiś fragment ghetta w niezmienionej postaci, tak jak go zastaniemy, w całej zgrozie zgliszcz i zniszczenia. Otoczymy ten zabytek hańby naszych wrogów, a chwały naszych umęczonych bohaterów łańcuchami, odlanymi ze zdobytych hitlerowskich armat, i świeże, żywe kwiaty będziemy co dzień wplatać między żelazne ogniwa, aby po wieczne czasy świeża i żywa pozostała pamięć przyszłych pokoleń o zmasakrowanym narodzie, i na znak, że zawsze żywy i świeży jest nasz ból po nim.

Kościółowi narodowych pamiątek przybędzie jeszcze jedna. Będziemy tam prowadzić dzieci i opowiadać o najpotworniejszym w dziejach świata męczeństwie ludzi. W centrum tego pomnika, którego tragizm uwydatnią otaczające go nowoczesne, da Bóg, Szklane Domy odbudowanego miasta, płonąć będzie nigdy nie gasnący ogień. Przechodnie będą zdejmować przed nim kapelusz.

A kto chrześcijanin – przeżegna się znakiem krzyża... Więc z dumą, z żalobną dumą będziemy nosić tę rangę, wszystkie inne zaćmiewającą – rangę Żyda Polskiego – my, cudem i przypadkiem pozostali przy życiu. Z dumą? Powiedzmy raczej: ze skruchą i żrącym wstydem. Bo przypadła nam ona za waszą mękę, za waszą chwałę. Odkupiciele!

...Więc może nie “My, Żydzi Polscy”, ale “My, Widma, my Cienie pomordowanych braci naszych, Żydów Polskich”...

## V

My Żydzi Polscy... My, wiecznie żywi – to znaczy ci, którzy zginęli w ghettach i obozach, i my widma – to znaczy ci, którzy zza mórz i oceanów wrócimy do kraju i będziemy straszyć wśród ruin swymi w całości zachowanymi cielskami i upiornością niby to zachowanych dusz.

My, prawda grobów, i my złuda istnienia, my, miliony trupów i kilkanaście, może kilkadziesiąt tysięcy niby nietrupów; my, nieskończenie wielka bratnia mogiła; my, kirkut, jakiego dzieje nie widziały i nie zobaczą.

My, poduszeni w komorach gazowych i przetopieni na mydło, którym nie zmyje się ani śladów naszej krwi, ani piętna grzechów świata wobec nas.

My, których mózgi tryskały na ściany naszych nędzarskich mieszkańek i na mury, pod którymi nas masowo rozstrzelowano – tylko za to, że jesteśmy Żydami.

My, Golgota, na której mógłby stanąć nieprzebyty las krzyżów. My, którzyśmy dwa tysiące lat temu dali ludzkości jednego niewinnie przez Imperium Romanum zamordowanego Syna Człowieczego – i wystarczyło tej jednej śmierci, aby się stał Bogiem. Jaka religia urośnie z milionów śmierci, tortur, poniżeń i rozkrzyżowanych w ostatniej rozpaczy ramion?

My, Szlojmy, Srule, Moški, parchy, bejlisy, gudłaje-my, których imiona i przezwiska prześcigną w dostojności brzemienia wszelkich Achillesów, Chrobrych i Ryszardów o Lwich Sercach.

My, znowu w katakumbach – w “bunkrach” pod brukiem Warszawy, człapiący w smrodzie ścieków, ku zdziwieniu naszych kompanów – szczurów.

My, z karabinami na barykadach, wśród ruin naszych bombardowanych z powietrza domostw; my, żołnierze wolności i honoru...

“Jojne, idź na wojnę!” Poszedł, szanowni panowie, i zginął za Polskę..

My, którym “twierdzą był każdy próg” każdego walącego się na nas domu.

My, Żydzi polscy, dziczejący w lasach, karmiący przerażone nasze dzieci korzonkami i trawą, my pełzający, czołgający się, nastroszeni, z jakąś cudem zdobytą lub za grube pieniądze wyblaganą, staroświecką dwururką...

„A zna szanowny pan dowcip o Żydzie-gajowym? *Pyszny!* Żyd-jucha, uważa pan, wypalił i ze strachu w portki zrobił! Ha, ha!”

My, Hiobowie, my. Nioby, my na pokucie po setkach tysięcy naszych żydowskich Urszulek...

My, głębokie doły potrzaskanych, pomiażdżonych kości i poskręcanych, pręgami pokrytych zwłok.

My-krzyk bólu! Krzyk tak przeciągły, że go najdalsze wieki usłyszą. My, Wycie, my Chór, zawodzący mogilne El mole rachmim, którego stulecie będzie stuleciu przekazywać.

My, najwspanialsza w dziejach kupa krwawego nawozu, którym użyźniliśmy Polskę, aby tym, co nas przeżyją, lepiej smakował chleb wolności.

My, makabryczny rezerwat, my, ostatni Mohikanie, niedobitki rzezi, które jakiś nowy Barnum może obwozić po świecie, obwieszczając na pstrych plakatach: "Niesłychane widowisko! The biggest sensation in the world! Żydzi polscy-żywi i prawdziwi!" My, Gabinet Okropności, Schreckenskammer, Chambre des Tortures! "Osoby nerwowe upraszane są o opuszczenie sali!"

My nad rzekami zamorskich krain siedzący i płaczący. Jak ongi nad rzekami Babilonu. Po całym okręgu świata płacze Rachel dzieci swoje, aleć ich niemasz! Nad rzeką Hudson, nad Tamizą, nad Eufratem, Nilem, Gangesem i Jordanem błakamy się w rozproszeniu naszym, wołając: "Wisło! Wisło! Wisło! Matko rodzona! Szara Wisło, nie od brzasku różowa, ale od krwi!"

My, którzy nawet grobów dzieci naszych i matek nie odnajdziemy- tak się warstwami poukładają, tak się na całą ojczyznę wszczepią w jedno pogrzebanie! I nie będzie upatrzonego miejsca, żebyś mógł na nim kwiaty położyć, ale, jak siewca ziarno, będziesz je szerokim rozmachem rąk rozrzucał. Może przypadkiem trafisz.

My Żydzi polscy... My, legenda krwią i łzami ociekająca. Kto wie, czy Jej nie trzeba będzie pisać biblijnymi wersetami: "Oby rylcem żelaznym i ołowiem na wieczną pamiątkę wydrążona była" (Hiob XIX, 24). My, apokaliptyczne stadium dziejów. My, Jeremiaszowe Treny:

... "Leży na ziemi po ulicach dziecię i starzec, panny moje i młodzieńcy moi poległi od miecza; pobijeś ich w dzień zapalczywości twojej, pomordowałeś ich a nie sfolgowałeś..."

... "Wrzucili do dołu żywot mój, a przywalili mnie kamieniem. Wezbrały wody nad głową moją i rzekłem: Juźci po mnie!... Wzywam imienia Twego, o Panie, z dołu bardzo głębokiego... Widzisz, o Panie bezprawie, które mi się dzieje, osądźże sprawę moją... Oddajże im nagrodę Panie, według sprawy rąk ich! Dajże im zatwardziałe serce i przekleństwo swe na nich! Goń ich w zapalczywości, a zgładź ich, aby nie byli pod niebem Twoim, o Panie!" (Treny Jeremiaszowe, III).

Nad Europą stoi olbrzymi i wciąż rosnący widmowy Kościotrup. W jego pustych oczodołach świeci ogień niebezpiecznego gniewu, a palce zacisnęły się w kościstą pięść. I On, nasz Wódz i Dyktator, będzie nam dyktował prawa nasze i żądania.

## REFERÊNCIA

TUWIM, Julian. *My, Żydzi polscy... We Polish Jews...* Varsóvia: Amerykańsko-Polsko-Izraelska Fundacja Shalom, 1993.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> O fato digno de menção em vista de toda a complicada história da memória da Shoah e de maneira como essa memória foi manipulada na época do domínio comunista na Polônia é que essa foi a primeira edição oficial do manifesto de Tuwim na Polônia. A edição se deu 49 anos depois do texto ser publicado por Tuwim e se deu por meio da publicação da Fundação Shalom que tenta resgatar a memória de judeus poloneses e da cultura iídiche (informação de acordo com a Fundação Shalom em <http://shalom.org.pl/wydawnictwa/>). A Fundação Shalom está ligada ao Teatro Judeu (Teatr Żydowski) de Varsóvia, a única instituição teatral na Polônia e uma das duas na Europa (ao lado do Teatro Estatal de Bucareste) que sempre tem em seu repertório as peças em iídiche.